



OLAC

OBSERVATORIO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO

Revista

OBSERVATORIO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO

Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe · IEALC

ISSN 1853-2713

<https://publicaciones.sociales.uba.ar/observatoriolatinoamericano/>

Volumen 8 · Número 1 (enero-junio, 2024)

Soledad Acosta de Samper: configurações de uma rede de sociabilidade em *Viaje a España* (1892)

Thaís Mendes Moura Carneiro

RECIBIDO: 30 de mayo de 2024

APROBADO: 30 de junio de 2024

Soledad Acosta de Samper: configurações de uma rede de sociabilidade em *Viaje a España* (1892)

Thaís Mendes Moura Carneiro
Universidade de São Paulo
thais.carneiro@usp.br

Resumen

O objetivo deste artigo é analisar a jornada da viajante colombiana Soledad Acosta de Samper, como convidada das ditas "comemorações" do IV Centenário de Conquista da América, empreendidas pela Coroa Espanhola, em 1892. Compilado sob o nome de *Viaje a España*, o seu relato de viagem foi publicado em dois tomos, em 1893 e 1894. A partir desses objetos de estudo, lançamos mão do aporte teórico da História Intelectual, História das Relações de Gênero e os mecanismos relacionados ao travel writing, que permitem uma produção intelectual híbrida, marcada por meandros da ficção e não-ficção.

Palabras clave: *história das relações de gênero – relatos de viagem – escritas de si*

Abstract

The objective of this article is to analyze the journey of the Colombian traveler Soledad Acosta de Samper, as a guest at the so-called "celebrations" of the IV Centenary of the Conquest of America, undertaken by the Spanish Crown, in 1892. Compiled under the name *Viaje a España*, her travel report was published in two volumes, in 1893 and 1894. From these objects of study, we make use of the theoretical contribution of Intellectual History, History of Gender Relations and the mechanisms related to travel writing, which allow for a hybrid intellectual production.

Keywords: *history of gender relations – travel writing – self-writing*

Introdução



Fotografia de Soledad Acosta de Samper
Reprodução Biblioteca Nacional de Colombia
Biblioteca Digital de Soledad Acosta de Samper

Por seu reconhecimento como delegada nacional no nono Congresso Internacional de Americanistas (1892) e como membro honorária da Academia de História de Caracas e do Congresso Literário Hispano-Americano (1892), o trabalho da colombiana Soledad Acosta de Samper foi considerado de extrema relevância intelectual e literária para o mundo letrado latino-americano (Fernández Poza, 2007). Sua extensa produção perpassou a ficção, o periodismo, os relatos de viagem, a Educação e a História. Cabe um destaque ao seu olhar aguçado para as reflexões sobre o comportamento e as condições de vida das mulheres, que encontram-se consolidadas na obra *“La Mujer en la Sociedad Moderna”* (1895). Atualmente, há um reconhecimento da escritora como uma das mais emblemáticas e prolíficas do século XIX, recebendo, em 2013, uma homenagem do Ministério da Cultura da Colômbia e a nomeação do ano como Soledad Acosta de Samper. Ademais, em 2019, ocorreu o lançamento da Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper, fruto de uma parceria entre a Universidad de Los Andes e a Biblioteca Nacional de Colombia.

Diante desses elementos nos toca refletir sobre quais os caminhos traçados para a consolidação de sua trajetória intelectual, culminando na legitimação de seu trabalho. A viagem pela Espanha em 1892 nos é tomada como um marco importante de reconhecimento e consagração do seu trabalho. Afinal, por que este momento pode ser encarado por essa ótica?

A autora, a viagem e a obra

Soledad Acosta de Samper foi uma escritora colombiana que obteve destaque em sua trajetória em diferentes campos de atuação, desde biografias históricas e relatos de viagem até manuais didáticos tratando da disciplina de história. A diversidade da obra de Acosta de Samper permitiu que seu trabalho obtivesse um grande reconhecimento à época. Tendo acesso a uma educação formal, a autora frequentou distintos espaços intelectuais e literários de sociabilidade, inserção esta que foi possibilitada não só pelos seus escritos como também pelas suas relações familiares a partir de seu pai, o general Joaquín Acosta, sua mãe, Carolina Kemble, e seu marido, José María Samper, escritor e diplomata.

Dedicaremos-nos a analisar um dos momentos mais potentes da sua vida pública, quando a consagração do seu trabalho passa a se destacar: uma viagem à Espanha à convite da Coroa para participar nas comemorações do quarto centenário da conquista da América, como delegada colombiana, por meio de Gaspar Nuñez de Arce, senador espanhol e presidente da *Asociación de Escritores y Artistas Españoles*. Interessa-nos perscrutar a jornada da colombiana Soledad Acosta de Samper enquanto escritora-viajante, tendo como cerne a obra *Viaje a España en 1892*, escrita após o fim da jornada (Acosta de Samper, 1893)¹. A viagem foi realizada em companhia da sua filha caçula, solteira, Branca Leonor, que tinha trinta anos à época. A autora era viúva e estava às vésperas de completar seus sessenta anos. O propósito dessa jornada foi a participação de Soledad Acosta de Samper em três encontros: IX Congreso Internacional de Americanistas², em Huelva, no Convento de Santa María de la Rábida, o Congreso Literario Hispanoamericano³ e o Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano⁴, ambos em Madri. Tais festividades são consideradas elementos importantes para esta pesquisa, diante da atuação da escritora em

¹ O presente artigo trata-se de um recorte temático da dissertação de mestrado, realizada pela autora, e defendida em novembro de 2021, de título “Soledad Acosta de Samper entre mundos: relatos de uma colombiana em *Viaje a España* (1892)” sob orientação da prof^a dra. Stella Maris Scatena Franco, no programa História Social da Universidade de São Paulo, Brasil.

² Segundo o programa do encontro, o congresso teve por objetivo contribuir para o progresso dos estudos etnográficos, linguísticos e históricos sobre as Américas, especialmente quanto ao período pré-colombiano, e estabelecer relacionamento entre as pessoas envolvidas em tais trabalhos, construindo uma rede de trabalho. Congreso Internacional de Americanistas (9^o. 1892. Palos de la Frontera, Huelva). TI – IX Congreso Internacional de Americanistas : reunión del año de 1892, en el convento de Santa María de la Rábida. CY – Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. PY - 2017 UR - <http://www.cervantesvirtual.com/obra/ix-congreso-internacional-de-americanistas--reunion-del-ano-de-1892-en-el-convento-de-santa-maria-de-la-rabida>.

³ Organizado pela *Asociación de Escritores y Artistas Españoles* para comemorar o quarto *Centenario del Descubrimiento de América*. A proposta foi a construção de uma grande confederação de escritores latino-americanos para manter um vínculo fraterno, de acordo com a convocatória do evento, “*formada por todos los pueblos que aquende y allende los mares hablan castellano, para mantener uno é incólume, como elemento de progreso y vínculo de fraternidad, su patrimonial idioma.*” Convocatoria. Actas del Congreso Literario Hispano Americano (Madrid, 1892). Madrid: Instituto Cervantes, Pabellón de España, Biblioteca Nacional, 1992. p. 1.

⁴ De acordo com a publicação *a posteriori*, o evento foi nomeado como Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano Americano. Nesse percurso, a autora produz a memória “*Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones*”. Porém, os nomes referem-se ao mesmo evento reunido em Madri, em outubro de 1892, tendo sido compilado em uma publicação em 1893. Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano reunido en Madrid en el mes de octubre de 1892; trabajos preparatorios del Congreso; actas ; resúmenes generales. Madri: Librería de la viuda de Hernando Y. C., 1893.

diferentes meios. Além disso, notamos como certas personalidades, à época, também conquistaram possibilidade de trânsito entre os círculos sociais assim como a escritora, participando de mais de um dos congressos citados, como foi o caso do escritor e historiador Antonio María Fabié, ex-ministro espanhol. Vale reforçar a figura de Fabié como uma importante conexão para Acosta de Samper, já que ele foi presidente da Junta Organizadora do Congresso Internacional de Americanistas e a apresentou à rainha espanhola, Maria Cristina da Áustria.

A fim de compreendermos tamanhas movimentações, valemo-nos como fonte principal dos relatos de viagem compilados pela autora na obra *Viaje a España en 1892*, tendo sido publicada em Bogotá, Colômbia, em dois volumes, em 1893 e 1894, respectivamente. Em cerca de 500 páginas, a autora narra a viagem por meio de uma voz impessoal e objetiva, realizando a divisão de seus escritos em capítulos sob o nome das cidades visitadas, como Bilbao e Loyola, o trajeto realizado entre cidades como “*De León à La Coruña – La Ciudad de Coruña*” e o tema abordado naquela seção, “*Los arabes – Córdoba y su Mezquita-Catedral*”, por exemplo. Chama-nos a atenção a recorrência de termos como “*recuerdos historicos*”, “*ojeada historica*” e “*algo de historia*”, utilizados pela autora em títulos de capítulo. Não só nos capítulos que possuem os termos citados, mas por toda obra, Acosta de Samper lança mão da descrição de processos históricos, referenciando-se a estudiosos como fonte de pesquisa. Ademais, *Viaje a España* é entrecortado por uma narrativa da experiência pessoal de Soledad e Blanca visitando as cidades e participando de jantares e salões, bem como descrições geográficas desses lugares e o estabelecimento de uma espécie de quadro de costumes, no qual a autora afirma suas posições políticas e críticas sobre a população espanhola, marcadas por determinismos. Vale ressaltar o constante esforço em construir uma narrativa comparativa entre Espanha e Colômbia. Sendo assim, apresentamos nossa hipótese sustentada em três alicerces: qualidade e diversidade do seu trabalho e a rede de sociabilidade na qual esteve inserida.

A autora nos conta que sua viagem se iniciou com a entrada por trem pela França, em 9 de setembro, até cruzar novamente esta fronteira em 19 de novembro de 1892, ao fim das atividades de comemoração do quarto centenário de conquista da América. É importante recordar que à época, Acosta de Samper morava em Paris, de onde se mudou apenas em 1896, para Bogotá. A sua chegada ao território espanhol se dá com apreensão, pois havia uma epidemia de cólera em território francês, o que tornava mais severa a entrada de viajantes pela aduana. Sendo assim, passou por um processo de investigação de seus pertences, a ponto de a escritora ironizar o “celo patriótico” com que os trabalhadores agiram, depois de haver pago para que os vestidos de ambas não ficassem sob quarentena (Acosta de Samper, 1893, pp. 5-6).

Em seus dois meses e meio de viagem, a autora chegou a percorrer distintas cidades pela Espanha, incluindo San Sebastián, Bilbao, Burgos, Valladolid, León, La Coruña, Santiago, Madrid, Córdoba, Granada, Sevilla e Huelva. Sem contar com patrocínios para sua viagem, Soledad relata preocupações com gastos na escolha de suas hospedarias e na reflexão de que muitas de suas viagens devem ser realizadas de madrugada, por uma concepção de economia de tempo e dinheiro, como consta em *Viaje a España*. Parte da sua renda financeira era proveniente de transações comerciais, envolvendo envios de encomendas para Bogotá, como constam nas cartas enviadas aos senhores J. Ramon Lago, Luís Durán, Ismael Sanchez, entre outros. Por vezes, as cartas eram assinadas por Soledad, já em outras, por sua filha Bertilda, conhecida pelo trabalho como poetisa.

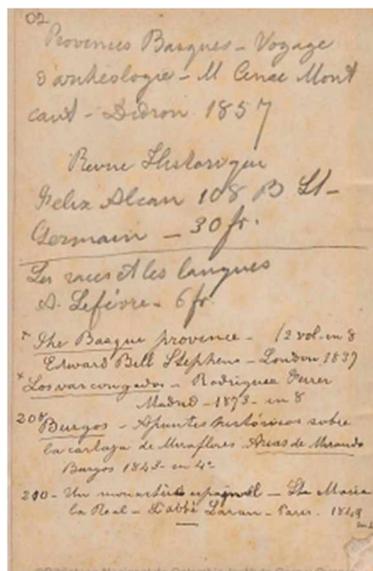
Em tempo, durante a viagem, a autora e sua filha Blanca Leonor fizeram uso de diligências e trem para se locomover, já que nem todas as cidades visitadas contavam com ferrovias à época⁵. No primeiro volume, que conta com vinte capítulos, Acosta de Samper trata do trajeto que vai desde Saint-Jean-de-Luz, na França, até a cidade espanhola de Córdoba. Seus escritos dão destaque a locais como o Santuário de Loyola, o museu de Valladolid, a cidade de La Coruña como ponto de partida para as expedições colonizadoras, no contexto da expansão marítimo-comercial do século XVI, a cidade de Santiago de Compostela como a “Jerusalém do Ocidente” (Mercedes Hincapié, 2007). Nessa primeira parte da viagem, Acosta de Samper se apresenta ao público leitor como uma viajante por prazer, que se encanta pelos espaços visitados, apesar de não ser a sua primeira vez no país. Por mais que rechace o título de turista, em meio à emergência do turismo de massa como fenômeno na Europa Ocidental, a autora usufruiu dessa primeira parte da viagem como um momento de lazer, por vezes com passeios agendados na cidade a qual visitava. Porém, não se tratam de compromissos oficiais e/ou vinculados à Coroa Espanhola. Como turista, ela demonstra uma urgência em conhecer lugares, chegando a contratar guias de turismo locais e escrever comentários sobre a necessidade de otimizar o tempo de sua viagem. Por outro lado, lamenta-se quando precisa dedicar menos tempo do que gostaria a determinadas cidades, por conta dos seus compromissos quanto à viagem, bem como chegar a Madri e Huelva a tempo de participar dos congressos aos quais foi convidada.

Já no segundo volume, com catorze capítulos, dedica-se a narrar o trajeto entre Córdoba e Huelva. Chegara a esta última cidade no começo de outubro para participar do IX

⁵ Trata-se de uma espécie de carruagem fechada, sobre quatro rodas, conduzida por um cocheiro e puxada por quatro cavalos. Extremamente resistente, era utilizada para transporte de passageiros e mercadorias. Por vezes, era de uso coletivo, abrigando mais pessoas do que tão somente Soledad ou Blanca Leonor. O uso deste transporte de uma forma não exclusiva aponta para o fato de que para as Acosta de Samper, como pequeno-burguesas, dinheiro era um recurso finito. Ademais, ele era utilizado para percursos nos quais as ferrovias não estavam disponíveis, já que era entendido como um meio de transporte ultrapassado, mais lento e desconfortável.

Congreso Internacional de Americanistas, parte das comemorações do IV Centenário da Conquista da América, espaço para apresentações de trabalhos das áreas de história, arqueologia, antropologia e etnografia relacionados ao novo continente (Acosta de Samper, 1893b). Foram apresentados por Soledad dois trabalhos: um sobre os indígenas que povoaram a Colômbia no momento da conquista dos espanhóis e outro acerca do estabelecimento de judeus em Antioquia. Em seguida, foi a Madri para participar da quinta sessão do Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, no qual apresentou o trabalho “*Aptitud para la mujer ejercer todas las profesiones*”, tema que ela já vinha desenvolvendo em seus escritos, em defesa da educação das mulheres. Nessa segunda parte da viagem, vemos Acosta de Samper se apresentando para o seu público leitor menos como viajante e mais como mulher letrada. Ela nos apresenta a sua jornada no mundo público, no cenário dos compromissos oficiais e a sua participação em salões e jantares. Esse volume recebe maior enfoque neste artigo diante das participações de Acosta de Samper em eventos oficiais e congressos, o que nos auxilia a compreender a sua inserção em redes de sociabilidade intelectuais e literárias, majoritariamente masculinas.

Para analisar seus relatos de viagem sobre a sua experiência de viagem na Espanha, deve-se levar em consideração o fato de que estes foram escritos *a posteriori*. As publicações dos tomos I e II em território colombiano, em 1893 e 1894, respectivamente, nos chamam atenção, pois houve um meticuloso trabalho de reescrita do que foi vivido, ampliando de uma narrativa subjetiva para uma seleção política dos fatos e de suas interpretações. Isso é possível aferir por conta da documentação que consta na Biblioteca Nacional de Colombia, um caderno de anotações de Acosta de Samper com 120 páginas, sem data de elaboração, mas que contém o título *Notas para preparar viajes a España, Bélgica e Inglaterra*. Dentre os seus escritos em língua francesa e espanhola, a autora tomou notas de obras de consulta, processos históricos, biografias, descrições de lugares e lembretes para si mesma, em uma espécie de caderno de campo.



Notas para preparar viajes a España, Bélgica e Inglaterra.

Sem data [1892]. Biblioteca Nacional de Colombia.

Instituto Caro y Cuervo

Este caderno de campo nos aponta para o fato de que Acosta de Samper produziu outros materiais sobre suas viagens, não sendo uma iniciante no mundo da literatura de viagem. Mais do que isso, há um esforço estrutural em construir uma narrativa que extrapole o campo subjetivo. Isto posto, há a recorrência de uma narrativa de processos históricos e referência a estudiosos e historiadores em seus escritos. Em cerca de 130 páginas, outro caderno, sob o nome de *Fechas históricas y hechos curiosos, chistes, citas, agudezas, leyendas dignas de ser guardadas en la memoria*, reforça tal perspectiva, já que a autora tomou nota de processos históricos e cronologias, com particular interesse em registrar elementos concernentes à Idade Média. Não só há referências à história, mas também a outros campos de estudo, como literatura, astronomia e retórica (Acosta de Samper, sem data).

Tais práticas alinham-se ao procedimento corrente dos relatos de viagem do século XIX, que traz o discurso científico para o campo do *travel writing*, como coloca Tim Youngs: “*What seems to modern eyes remarkable in texts written before that divergence is the combination of ethnographic, geographical and other scientific information with sufficient clarity for the understanding of a general audience*”. (Youngs, 2013, p. 56) Tendo isso em vista a estratégia à qual Acosta de Samper recorre, ela não só se insere nesse tipo de escrita, mas o uso da história valida a sua própria produção intelectual enquanto mulher. O planejamento do seu discurso, o uso de uma voz impessoal e objetiva constituem um esforço de distanciamento em relação ao que é retratado, o que não se sustenta, pois Acosta de Samper posiciona-se politicamente sobre as relações que observa entre Colômbia e Espanha. Por outro lado, a escritora busca raízes de uma civilização cristã nos espaços visitados, reforçando a sua conexão com a Igreja Católica, ao lançar olhar sobre

instituições de poder como catedrais, lugares históricos e ruínas.

Por mais que *Viaje a España* tenha sido publicizado, compreendemos que trata-se de um documento que estende-se também ao âmbito privado, dessa forma, auxilia-nos a compreender os bastidores dessas confraternizações. Em diálogo com tal perspectiva, valemo-nos como fonte complementar da análise da documentação produzida por sua filha, Blanca Leonor Acosta de Samper, na qual registra em primeira pessoa suas impressões de viagem em forma epistolar direcionada à sua tia Maria, carregadas de certo tom de informalidade, trazendo trechos sobre o cotidiano dos congressos e os personagens envolvidos por meio de comentários frequentemente jocosos e irônicos. Uma passagem a ser citada é a forma como ela enxergava a vestimenta de outras mulheres, concluindo que “*entre parentesis les diré que mis vestidos han sidos los mejores de todos, pues las demás señoras no saben se vestir.*”⁶ A referência à moda é algo recorrente nos discursos de Blanca e de Soledad como forma não só de registrar o que experienciam, mas como construção de uma narrativa de civilidade, a qual analisaremos ao longo do artigo. Fundamentamo-nos também nos anais produzidos pelos respectivos congressos, em que estão elencadas as memórias redigidas pela escritora colombiana e inclusas as atas de reunião dos congressistas⁷. Por fim, completando o escopo documental a ser trabalhado nesta pesquisa, a fim de interpretar a sua compreensão sobre o papel social das mulheres, utilizamo-nos da obra *La Mujer en la sociedad moderna* (1895).

Lançando olhar para a publicação de *Viaje a España en 1892*, nossa atenção se volta ao fato de ela ter ocorrido nos anos subsequentes em Bogotá, 1893 e 1894, apesar de a autora ter continuado a viver em Paris até 1896. A publicação em terras colombianas interessa-nos à medida em que aponta quem são os leitores de Acosta de Samper. Segundo Azuvia Licón Villalpando, “*Acosta parece tener en mente un público que no es sólo de una elite letrada, sino una clase burguesa emergente que sabe leer y puede comprar libros y periódicos*”. (Licón Villalpando, 2012, p. 29)

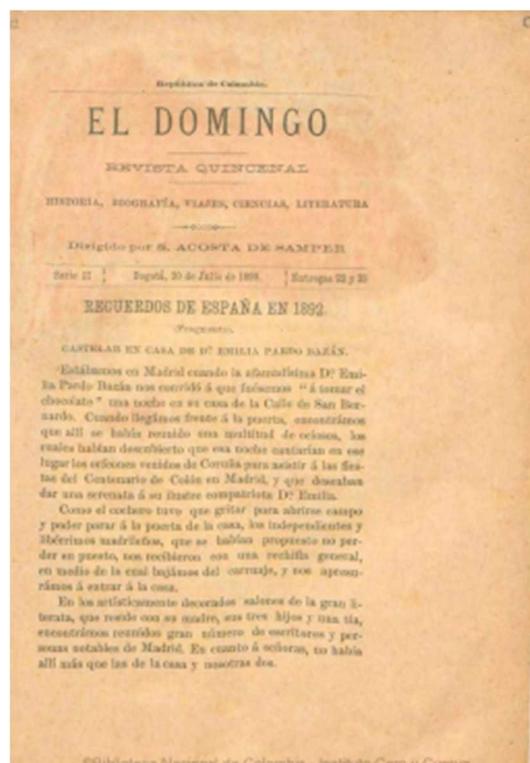
Tal perspectiva de amplitude e diversidade do público se confirma ao refletirmos sobre os espaços nos quais as suas publicações tomaram forma. O alcance dos registros da jornada de 1892 extrapola a circulação da obra *Viaje a España* publicada em dois tomos, pois seus fragmentos foram publicados em periódicos, como foi o caso da passagem que será analisada neste artigo sobre a visita de Soledad à casa da escritora espanhola Emília

⁶ O manuscrito produzido por Blanca Samper encontra-se digitalizado para consulta na Biblioteca Nacional da Colômbia. Blanca Leonor Samper Acosta, *Copia de algunas Cartas de Blanca Samper escritas durante un viaje a España 1892*, manuscrito en la Biblioteca Nacional de Colombia, FSAS 059, p. 34. Provavelmente, irmã de seu pai, pois Soledad era a filha única do casamento de Carolina Kemble e Joaquín Acosta.

⁷ Ao nos referirmos ao termo *memórias*, utilizado nos anais dos eventos e por estudiosos latino-americanos, apreendemos que se trata de um gênero textual, próximo ao de trabalhos acadêmicos atualmente apresentados em congressos. Há um intuito de divulgação científica, porém, o formato acaba por se colocar em um intermediário entre o ensaio e o artigo científico.

Pardo Bazán.

Publicada sob o título de *Recuerdos de España en 1892. Castelar en casa de Doña Emilia Pardo Bazán*, primeiramente no folhetim de La República (1893), esta passagem foi reproduzida no tomo II de Viaje a España en 1892, publicado por Imprenta de La Luz, em Bogotá. Por fim, o mesmo trecho foi republicado no periódico quinzenal *El Domingo*, em 30 de julho de 1899, com a assinatura “S. A. de S.”.



Trecho do periódico *El Domingo*. *Recuerdos de España en 1892*.

Castelar en casa de Doña Emilia Pardo Bazán.

Biblioteca Nacional de Colombia / Instituto Caro y Cuervo

Além disso, é importante a análise da recepção de Acosta de Samper por outros literatos como Juan Valera, Menéndez Pelayo e Antonio Rubio i Lluch, que defendiam a reaproximação entre Espanha e a antiga América Hispânica. O trabalho de Soledad sobre a conquista e o processo colonial aproximou o interesse de intelectuais espanhóis, sendo lido por vezes como simpático à Espanha, ponto que trabalharemos nesta pesquisa. A carta de Rubió i Lluch sobre as biografias históricas de Acosta de Samper aponta um alívio do autor sobre a forma como a Espanha foi encarada, entendendo-a como uma narrativa que recoloca a Espanha no papel de exercer uma “missão civilizadora”. Nessa carta, o autor espanhol coloca que o trabalho de Soledad o deixa orgulhoso e admirado por seu passado nacional, como “cidadão espanhol”, ao lançar mão do entendimento do

“caráter humanitário” dos conquistadores espanhóis (Arbaiza, 2012, p. 124). Diferentemente de outras autoras, Soledad Acosta de Samper teve a sua jornada enquanto literata e mulher letrada reconhecida não só pelos seus pares, mas também por si mesma, como nos aponta o seu cartão de visitas, utilizado em 1892.⁸



Cartão de visita de Soledad Acosta de Samper.
Biblioteca Nacional de Colombia / Instituto Caro y Cuervo

Como coloca a historiadora Stella Maris Scastena Franco, o uso dos cartões de visita eram recorrentes nesse contexto entre os viajantes (Franco, 2018). Por outro lado, é recorrente o uso de estratégias discursivas pela autora, retirando-a do próprio mundo das letras e “pedindo licença” para falar. Em meio a tais relações paradoxais, o que lhe permitiu tal consagração ainda em vida?

Uma mulher à frente de seu tempo?

A história é assinalada por exemplos de silenciamento das mulheres, contudo, Soledad é um caso que corre na contramão. O que a difere das outras mulheres? O que permitiu a sua consagração? Considerando que a escritora figura como uma das personalidades mais importantes da Colômbia, debruçamo-nos sobre uma gama de produções historiográficas e intelectuais que abordam a sua trajetória a fim de compreendê-la. Além disso, recorreremos a uma pungente produção intelectual elaborada pela autora, bem como um

⁸ [Tarjeta de presentación]. La tarjeta dice: "Soledad Acosta de Samper / Delegada Oficial de la República de Colombia / al IX Congreso Internacional de Americanistas / en el Convento de la Rábida. / Miembro de los Congresos Literario Hispano-Americano, / Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano y Socio de la / Unión Ibero Americana de Madrid, / Miembro de la Academia de Historia de Caracas". 1892. Borde de luto. Disponível em: http://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57989/0. Acesso em 20 de agosto de 2020.

amplo escopo documental, legitimado pela História Oficial, ao ser produzido pelo Estado e os seus representantes. A fim de analisá-los, estabelecemos diálogo com a História das Mulheres e a História das Relações de Gênero, que desde os anos 1960, propõem análises sobre a função social das mulheres, pautadas majoritariamente pela interdição, o silenciamento e a exclusão da vida pública.

É interessante ressaltar que a trajetória da escritora foi recuperada pelo movimento feminista como uma de suas precursoras diante dos trabalhos nos quais Acosta de Samper enfocou o papel das mulheres na sociedade, bem como a defesa de uma educação para estas, gerando uma autonomia que as emancipasse, sem romper com a moral católica que defendia.

Diferentemente de outras intelectuais contemporâneas, que traziam o feminismo como bandeira, Soledad não faz referências claras ao movimento. Algumas estudiosas, como Olga Arbeláez, a consideram como uma porta-voz do “feminismo doméstico”, um esforço de inscrever o campo doméstico na política nacional. Sendo assim, a mulher teria grande influência no espaço público a partir da ocupação daquele que seria o local destinado a elas, o cuidado do lar. De acordo com Arbeláez, “*Acosta de Samper construye una identidad de género para la mujer, en cuyas manos pone el futuro de la nación.*” (Arbeláez, 2015, p. 57) Sendo assim, o discurso de Soledad está impregnado por uma visão republicana e uma concepção de cidadania. “*El acercamiento de Soledad a la escritura está determinado por la ideología de la maternidad republicana, que si bien le niega a la mujer la ciudadanía (sus derechos), le propone una inserción política en la vida nacional a través de la producción de futuros ciudadanos (sus deberes).*” (Arbeláez, 2015, p. 73) Nessa perspectiva, a participação das mulheres na vida pública seria concedida a partir da ideia de que são responsáveis pela produção de futuros cidadãos, educando seus filhos dentro dos valores republicanos.

Por outro lado, Sara Mills questiona a forma como os relatos de viagem produzidos por mulheres são analisados de formas distintas aos homens: “*how we are going to write about these women travel writers and for what purpose[?] ; ‘whether these texts share more features with other female-authored texts than they share with male-authored texts’*” (Mills, 1991, p. 30). Ao que a autora critica que a literatura de viagem de mulheres é lida frequentemente como ‘*proto-feminist*’, estabelecendo uma relação direta desses textos com o sistema colonial. Este ponto, por sua vez, será categorizado por Indira Ghose como “*the myth of [white] women’s non-involvement in colonialism*” (Ghose, 2013, p. 133), criticando os estudos que analisam os escritos de mulheres descoladas do colonialismo, não compreendendo o imperialismo como elemento que produz mulheres dentro do seu escopo de atuação. Isto posto, esta pesquisa alinha-se a tal perspectiva de que a análise da trajetória de Acosta de Samper como uma das precursoras do movimento feminista não seria a reflexão mais adequada.

Para pensar a consagração da autora, uma referência importante para esta pesquisa são as ideias de Christine Planté (1988). Seu trabalho contempla a trajetória de mulheres atuantes na esfera pública que destacam-se sob o jugo da excepcionalidade. Para Planté, tal perspectiva acaba por reforçar a invisibilidade das mulheres, negando o seu poder de agência e as possibilidades de reconhecimento. Como coloca a historiadora Ana Beatriz Mauá Nunes (2019) sobre o trabalho de Planté,

No caso das artistas mulheres, sua exclusão se justifica graças às categorias estéticas de análise artística, formuladas a partir do ideal masculino de artista e escritor: homem, branco e burguês. Por este motivo, devemos considerar as atividades artísticas em suas diversas modalidades enquanto práticas sociais, responsáveis por constituir e integrar representações do mundo real, do mesmo modo em que são diretamente afetadas por ele. É necessário considerar, desta maneira, quais foram as condições culturais, econômicas e sociais para que haja desenvolvimento de produção artística, em qualquer seja suas formas. Isto é, para quais regras a produção literária de mulheres é considerada uma exceção à regra? Ou, ainda: qual produção de quais mulheres o são? (p. 41)

Assim como outras minorias sociais, as artistas mulheres representam o desvio do elemento universal, personificado pelo homem branco burguês ocidental. Há todo um universo de excluídos que são postos à margem. O referencial construído é elemento-chave para pensar sua atuação e compreender quais indivíduos e trabalhos são eleitos como exceção, tendo em vista os contextos histórico e social nos quais estiveram inseridas. Diante da reflexão sobre o trabalho artístico, tomaremos tal argumentação para pensar o trabalho intelectual também como prática social, que constitui e é construído pelo meio em que se insere, em um intercâmbio de interesses e negociações.

Construir a leitura sobre a escritora por meio da lógica de uma multiplicidade de vozes e tensões é um caminho para enriquecer e aprofundar a discussão, buscando entendê-la em meio a espaços de negociação do seu “lugar de fala” enquanto mulher, colombiana, burguesa, intelectual, viúva e católica.

Sua profícua produção literária e intelectual navegou por diversos gêneros, o que permitiu uma amplitude considerável dos seus trabalhos, perpassando produções do âmbito do privado, como o seu diário íntimo⁹, elaboração de crônicas, biografias,

⁹ Escrito em sua juventude, enquanto era uma mulher solteira, entre 1853 e 1855, discutia amenidades de sua vida cotidiana, bem como elementos políticos da Guerra Civil na Colômbia. Foi publicado em 1865. Os mais completos levantamentos biográficos da carreira de Soledad Acosta de Samper mais completos foram organizados por Gustavo Otero Muñoz, em 1933, sob o título “Doña Soledad Acosta de Samper”, publicado no *Boletín de Historia y Antigüedades*, de número 229, constando nas páginas 169 a 175; em 1937, publicado no mesmo boletim, de número 271, sob o título *Soledad Acosta de Samper*, entre as páginas 256 e 283. Bernardo J. Cacedo publicou no mesmo boletim, em 1952, sob o título “Semblanza de Doña Soledad Acosta de Samper”, edição 452, entre as páginas 356 e 379; na publicação *Bolívar* de número 15, entre as páginas 961 e 984. Flor María Rodríguez-Arenas publicou em 1991. Santiago Samper Trainer publicou em 1995, o artigo “Soledad Acosta de Samper. El

manuais didáticos e novelas históricas, até criações de periódicos, dirigidos por ela como *El Domingo* (1888), *La Mujer* (1879-1881) e *Lecturas para el hogar* (1905). Tamanha pluralidade permitiu a sua circulação por diferentes saberes e redes de sociabilidade, contribuindo para o estabelecimento de diálogos com contemporâneos na América Latina e na Espanha.

Portanto, consideramos a configuração das suas relações afetivas e intelectuais um elemento-chave para compreendermos o reconhecimento da sua trajetória enquanto escritora. Partimos da perspectiva de que a sua filiação, tendo como pais o general e historiador colombiano Joaquín Acosta, e a inglesa Carolina Kemble Rou – nascida no Canadá¹⁰ e criada -nos Estados Unidos –, foi potente para o seu desenvolvimento como intelectual, devido ao seu acesso ao ensino formal de países como Colômbia, Canadá e França¹¹. Posteriormente, seu casamento, em 1855, com o literato e diplomata colombiano José María Samper, considerado um dos escritores mais profícuos do século XIX, lhe permitiu acessar uma nova rede de sociabilidade. Isto lhe abriu a possibilidade de entrar em grupos de literatos, intelectuais, diplomatas e escritores.

Diante do panorama aventado, propomos a análise do processo de integração e reconhecimento da escritora nos meios literário e intelectual, espaços de atuação predominantemente masculinos. Destarte, seu pai Joaquín Acosta e seu marido José María Samper foram importantes influências para o desenvolvimento de sua carreira intelectual, permitindo espaços de desenvolvimento de suas publicações e atuação como escritora e historiadora, o que não lhe poupou de seguir o caminho de outras escritoras, fazendo uso de pseudônimos. Seus primeiros escritos aparecem sob o uso de heterônimos, como “Andina”, sendo que se utilizou de outros ao longo da sua carreira, como “Aldebarán”, “Bertilda”, “Renato” e “Orión” (Corpas de Posadas, 2019). Sobre o uso destes, a crítica literária espanhola Montserrat Ordóñez coloca que Andina e Bertilda foram os primeiros a serem utilizados, praticamente de forma simultânea. Dessa maneira, o primeiro seria uma homenagem à sua origem em terras colombianas. Já

eco de un grito. Las mujeres en la historia de Colombia”, no tomo I da obra organizada por Magda Velásquez, sob o título *Presidencia de la Republica y Norma*, em Bogotá, entre as páginas 132 e 155.

¹⁰ O local de nascimento de Carolina Kemble é uma questão entre os estudiosos. Verificamos atribuições a diferentes lugares por estudiosos distintos. Em “De voces y de amores: ensayos sobre literatura latinoamericana y otras variaciones”, Montserrat Ordóñez aponta o local de nascimento como a Jamaica, enquanto as editoras na nota de rodapé sinalizam para Nova Escócia, no Canadá. Em “Educação Para Mulheres na América Latina: Um Olhar Decolonial Sobre o Pensamento de Nisia Floresta e Soledad Acosta de Samper”, Adriane Raquel Santana de Lima a coloca como estadunidense, como aparece na *The Oxford Encyclopedia of Women in World History*, de autoria de Bonnie G. Smith e no site oficial da presidência da Colômbia, do mandato de 2002 a 2010: http://historico.presidencia.gov.co/asiescolombia/cultura_escr_5.htm. Em *Breve historia de la narrativa Colombiana*, Sebastián Pineada Buitriago atribui a nacionalidade escocesa a Kemble.

¹¹ Aos 12 anos, Soledad foi enviada ao Canadá para completar seus estudos, estabelecendo-se em Halifax, na Nova Escócia, com sua avó materna. Vale destacar também que a França é um importante ponto para Acosta de Samper, pois, em sua juventude, teve a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos básicos em Paris, cidade onde também morou logo após o seu casamento com o literato colombiano José María Samper. Por fim, a França abrigou Acosta de Samper desde 1891, após quatro anos de sua viuvez.

Bertilda é um anagrama de “liberdade”, foi o nome dado a sua primeira filha, nascida em 1856, e foi usado nas suas correspondências ao periódico *El Comercio*, de Lima, entre 1859 e 1863. Aldebarán e Orión remetem aos seus interesses por astronomia e foram utilizados com frequência em seus artigos de divulgação científica. Por sua vez, Renato, um nome masculino, assinava as suas seções de quadros de costumes (ORDÓÑEZ, 2005). Há uma interessante documentação sobre esse tema, que consiste em uma carta de Soledad Acosta de Samper a Alberto Urdaneta, diretor do *Papel Periódico Ilustrado*, em resposta ao seu pedido de que reconhecidos literatos explicassem o uso de pseudônimos, publicada no número 74, em 1º de setembro de 1884, na página 23.

Señor D. Alberto Urdaneta - Presente.

Muy señor mío.

Vengo, aunque tarde, á contestar á usted su esuela del 17 del pasado mes.

[...]

Yo he usado de los siguientes:

S. A. S / Andina / Aldebarán / Bertilda / Renato / Orión.

sin que en ello influyera otro motivo que la natural desconfianza de echar á luz mi nombre. Bertilda, que no gusta de que el suyo sea conocido fuera del círculo de sus amigas, no quise en un principio dar nada á la prensa sin un pseudónimo, y firmóse Berenice, B. S. y M. J. B.

Quedo de usted atenta servidora,

Soledad A. Samper (Ordóñez, 2005, p. 51)

Em meio à pluralidade de pseudônimos utilizados pela escritora, toca-nos interpretar suas distintas áreas de atuação, que singularizam a sua trajetória de consagração. Eles podem ser compreendidos como uma estratégia para a inserção de mulheres intelectuais no mundo das letras, ao passo que determinados assuntos abordados por Acosta de Samper são identificados com um pseudônimo masculino, como uma maneira de legitimação do seu próprio discurso, em campos tidos como mais “sérios”, como a astronomia e a política. Por outro lado, o uso dos nomes femininos assinala uma necessidade de ocultar a sua identidade, por mais que ocupasse um campo de escrita mais inclusivo às mulheres. Outras mulheres contemporâneas a ela se valeram dessa estratégia, como é o caso da escritora brasileira, que ficou consagrada pela produção de livros de viagem sob a assinatura de Nísia Floresta Augusta Brasileira, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (Franco, 2008).

Como pretendemos demonstrar, o reconhecimento de Soledad Acosta de Samper está

vinculado à sua atuação como historiadora, reconhecida como membro da Academia de História de Caracas, e como escritora em diferentes gêneros. Por mais que dialogue com a historiografia, a literatura e a “escrita de si”; os temas centrais que atravessam o trabalho intelectual da escritora são a educação e as mulheres. Ela defende uma formação profissional e intelectual das mulheres pautada nas mesmas diretrizes intelectuais da educação dos homens, colocando como necessária uma diferenciação de acordo com a estratificação social, a fim de não provocar uma desordem no *status quo*.¹² Isto posto, a sua relação com o tema citado é um dos elementos contraditórios da sua trajetória, uma vez que defende ao mesmo tempo uma educação para as mulheres e uma postura conservadora católica. Sendo assim, é necessária uma clivagem consciente de classe e gênero.

Sendo assim, este artigo foi desenhado de modo a refletir em sua primeira seção sobre o que compreendemos como configuração de redes de sociabilidade e a atuação de Soledad como escritora e intelectual nos congressos. Dando continuidade à discussão, colocamos em pauta a própria leitura de contexto de Soledad diante de outras mulheres que ocuparam os mesmos espaços. Afinal, por que Acosta de Samper obteve o reconhecimento do seu trabalho na esfera pública, no meio intelectual e literário? Do mesmo modo, o que teria permitido que as suas colegas de profissão conquistassem espaço de fala no nono Congresso Internacional de Americanistas e no Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano? Abrimos mão de um discurso de excepcionalidade em relação a esses questionamentos. Certamente, a escritora colombiana não é a única viajante nem a única literata a romper com certos parâmetros do que era entendido convencionalmente como ser mulher à época. Mais do que isso, Soledad não é uma representante solitária de um desvio da normalidade, de uma categoria sacralizada de feminilidade. Por conseguinte, ponderamos sobre a habilidade de interlocução da escritora com outras figuras importantes do meio intelectual e literário, o que contribuiu para a abertura de caminhos entre personalidades políticas consagradas.

Por outro lado, esforçamo-nos em não normatizar a condição de *passabilidade* desenvolvida por Soledad, estendendo-a a toda sociedade, sob o risco de relativizarmos uma série de tensões imbricadas nas relações sociais, em fins do século XIX, não só entre gêneros, mas também na articulação social em meio às disputas de poder, diante das

¹² A educação feminina é entendida por Soledad como um elemento fundante de uma sociedade civilizada, alinhadamente às diretrizes do progresso. Para tanto, ela compreende que as mulheres burguesas devem acessar uma educação intelectualizada, sendo que aquelas pertencentes às classes trabalhadoras devem ser instrumentalizadas por meio de uma educação profissionalizante. Tal diferenciação seria fundamental para manter o *status quo* e não gerar dissidências entre os grupos sociais, de acordo com a autora. Assim, crê que ao não terem acesso ao ensino formal, as mulheres seriam a materialização do ócio e da barbárie, representando um impeditivo ao desenvolvimento nacional.

novas configurações da Espanha e da América Latina (Duque, 2013). Finalizamos o artigo refletindo sobre as articulações entre demandas políticas e religiosas, diante dos círculos sociais nos quais Soledad estava inserida, aventando o seu posicionamento político alinhado ao conservadorismo católico à época, bem como o destaque dado às suas conexões com homens intelectuais.

Assim, dialogamos com a proposição da crítica literária espanhola Montserrat Ordoñez, a principal estudiosa de Acosta de Samper, juntamente à historiadora colombiana Carolina Alzate, que coloca a voz da escritora como reflexo de “*varios de los contradictorios aspectos de su propia identidad: autonomía y respeto por las normas, libertad de creación y control sobre sí misma y los demás*” (Ordóñez, 2005). Esses meandros de identidade serão tratados como frutos das tensões sociais inerentes ao contexto histórico no qual a escritora esteve inserida, bem como recurso estratégico de circulação social na condição de mulher. Porém, seria possível afirmar que as contradições imbricadas na figura de Soledad tratam-se apenas de uma questão de personalidade? Tomamos aqui que a sua atuação paradoxal também estaria conectada à dificuldade de se construir uma narrativa. Como coloca a historiadora Joan Scott, em seu trabalho *Cidadã Paradoxal*, “a fim de protestar contra as várias formas de segregação que lhes eram impostas, as mulheres tinham de agir em seu próprio nome, invocando, dessa forma, a mesma diferença [sexual] que procuravam negar.” (Scott, 2008, p. 18) Ao se disporem a construir uma reivindicação, como é o caso de Soledad, ao demandar a educação feminina constituída no mesmo patamar da que era oferecida aos homens, acaba por reforçar a diferenciação. De acordo com Scott, corrobora-se com um mundo no qual o conceito de universal, seja o indivíduo ou o cidadão, é sinônimo de homem, dentro da lógica de uma masculinidade específica. A cidadania e a individualidade estão, dessa maneira, atreladas ao gênero.

Considerações Finais

Soledad Acosta de Samper, ao longo dos seus quase oitenta anos, gozou de uma série de privilégios sociais e possibilidades de inserções em redes de sociabilidade masculinas, as quais foram exaltadas por ela como parte de normas sociais. Não transpareceu nenhum desconforto em sua partilha das festividades das quais participou em sua viagem à Espanha, em 1892. Ao leitor, Acosta de Samper manifestou a segurança de quem ocupa um lugar que crê lhe ser devido e merecido. Seus escritos trazem uma narrativa de um sujeito histórico paradoxal, como cunhou a historiadora Joan Scott (2002).

Por um lado, ser uma das poucas mulheres presentes em salões literários e outros encontros sociais é algo que foi destacado em *Viaje a España en 1892* como um sinal do

seu merecimento, seu reconhecimento social como uma colombiana sendo homenageada em terras estrangeiras. A própria escritora se constrói como heroína de sua própria história. Com as suas visitas às cidades espanholas, Acosta de Samper emerge em seu relato de viagem como excepcional, uma “mulher à frente de seu tempo”.

Em conclusão, diante dos temas aventados nessas três seções, afirmamos a relevância da construção de redes de sociabilidade que se comunicam e intercambiam, de modo a constituir pontes de saberes e pessoas. O ponto-chave da nossa reflexão foi a inserção de Soledad Acosta de Samper em redes de sociabilidade europeias e latino-americanas, conformadas em sua grande maioria por homens, para pensá-la como uma figura no mundo público, tendo em vista suas especificidades como mulher colombiana, de elite, viúva, às vésperas dos sessenta anos de idade, viajando em companhia da filha Blanca pela Espanha. Tratamos de pensar também a sua interlocução com outras mulheres durante a viagem, participando dos três congressos, estabelecendo aproximações e diferenciações, delineadas para além das características citadas, como reflexo de uma postura política conservadora católica latente.

Referencias bibliográficas

- Acosta de Samper, S. (1893). *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre.
- (Jan./Abr. 2011). "Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. Memoria presentada en el Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano reunido en Madrid en 1892" *Revista de Estudios Sociales*. no.38. Bogotá.
- (1893b). *Memorias presentadas en congresos internacionales que se reunieron en España durante las fiestas del IV centenario del descubrimiento de América, en 1892*. Chartres: Imprenta de Durand.
- (s.d.). Fechas históricas y hechos curiosos, chistes, citas, agudezas, leyendas, &a, dignas de ser guardadas en la memoria. Libreta. 135 p. http://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/89704. Acesso em 18 de agosto de 2020.
- (1899). *Recuerdos de España en 1892. Castelar en casa de Doña Emilia Pardo Bazán. El Domingo. Revista semanal. Historia, Biografía, Viajes, Ciencias, Literatura*. Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper. <http://soledadacosta.uniandes.edu.co/items/show/741>. Acesso em 24 de agosto de 2020.
- Acosta de Samper, B. L. Copia de algunas Cartas de Blanca Samper escritas durante un viaje a España 1892. Biblioteca Nacional de Colombia, FSAS 059. p. 34.
- Alzate, C. (Jan/ Abr, 2011). Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. *Revistas de Estudios Sociales*. n. 38. Bogotá.
- Arbaiza, D. (2012). Spain as archive: Constructing a Colombian Modernity in the writings of Soledad Acosta de Samper. *Journal of Latin American Cultural Studies*, 21, (1), pp. 123-144. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13569325.2012.662479> . Acesso em 20 de agosto de 2020. p. 124.
- Arbeláez, O. (2015). Salvar la nación: el feminismo doméstico de Soledad Acosta de Samper. *Estudios de literatura colombiana*, 38, pp. 57-76.
- [Sin título]. Notas para preparar viajes a España, Bélgica e Inglaterra. Sin fecha [1892]. Libreta con lomo y esquinas en percalina roja. 18 x 11 cm. 120 f. Disponível em: https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57929/0 . Acesso em 24 de agosto de 2020.
- Corpas de Posadas, I. (s.d.) Soledad Acosta de Samper. Colección virtual Escritoras Latinoamericanas del Diecinueve. Disponível em: <http://eladd.org/autoras-ilustres/soledad-acosta-de-samper/> . Acesso em 24 de jun. de 2019.
- Duque, T. (2013). Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de se passar por. [Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas]. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/920509>
- Fernández Poza, M. (2007). El debate educativo de finales del ochocientos y el Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano. *Cuadernos de Historia Contemporánea*. Vol. Extraordinario. Universidad Complutense de Madrid. pp. 71-82.
- Franco, S. M. S. (2008). *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Editora Mulheres.
- (2018). *Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. Editora Intermeios.
- Ghose, I. ([1999] 2013). Women Travellers in Colonial India. Oxford: Oxford University Press, 1999. *apud* Young, T. Travel writing in the nineteenth century. en *The Cambridge History of Travel Writing*. Cambridge University Press. p. 133.
- Licón Villalpando, A. (2012). Solaz y dulces lecciones: La mujer y el proyecto de construcción nacional de Soledad Acosta de Samper. Tesis de grado (Maestría). UniAndes. p. 29. *Recuerdos de España en 1892. Castelar en casa de Doña Emilia Pardo Bazán*. Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper. <http://soledadacosta.uniandes.edu.co/items/show/741>. Acesso em 24 de agosto de 2020.
- LOAIZA, Gilberto. (2014). Poder letrado. Ensayos sobre historia intelectual de Colombia, Siglos XIX y XX. Cali: Universidad del Valle.

- Mercedes Hincapié, L. (2007). Soledad Acosta de Samper en el cuarto centenario de América. *Revista Credencial Historia*. Edición 213.
<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/septiembre2007/soledadacosta.htm>
Acesso em 12 de abril de 2019.
- Mills, S. (1991). *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. Routledge. p. 30.
- Nunes, A. B. M. (2019). Tan criolla, criolla como yo: Identidade, política e gênero nas correspondências de Victória Ocampo e Gabriela Mistral, (1926 - 1956). [Dissertação de Mestrado. Universidade de S. Paulo].
- Ordóñez, M. (2005). *De voces y de amores. Ensayos de literatura latinoamericana y otras variaciones*. Alzate, C., Ramírez, L. & Restrepo, B. (eds.), Grupo Editorial Norma.
- Pardo Bazán, E. (1976). Resumen (de las ponencias y memorias de la sección V, leído en el Congreso Pedagógico el 19 de octubre de 1892)". En *La mujer española y otros artículos feministas*. Selección y prólogo Leda Schiavo. Editora Nacional.
- Planté, C. (1998). Femmes exceptionnelles: Des exceptions pour quelle règle. *Les cahiers du GRIF*, 37 (1), pp. 90-111.
- Scott, J. (2002). *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis, Ed. Mulheres. [Trad.: Elvino Antônio Funck].
- Sirinelli, J.F. (2003). Os intelectuais. En Remond, R. *Por uma história política*. Editora FGV.
- Youngs, T. (2013). Travel writing in the nineteenth century. En *The Cambridge History of Travel Writing*. Cambridge University Press. p. 56.